

Submetido em: 27/09/2024
Aceito em: 09/11/2025
Publicado em: 15/12/2025

MULHERES À MARGEM:

as arquitetas Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa
atrás da modernidade de Brasília

WOMEN ON THE MARGIN:

Women on the margins: Anna Maria Niemeyer and Maria Elisa Costa behind the modernity of Brasília

MUJERES AL MARGEN:

Mujeres al margen: Anna Maria Niemeyer y Maria Elisa Costa detrás de la modernidad de Brasília

MARIBEL ALIAGA FUENTES

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, arqmarialiaga@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-8244-8412>

LORENA LEONEL ABREU

Arquiteta e Urbanista, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, lorenalabreu@gmail.com

LUIZA DIAS COELHO

Arquiteta e Urbanista, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, lu.dias.coelho@gmail.com

CAROLINA PESCATORI

Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, pescatori@unb.br
<https://orcid.org/0000-0002-4361-2598>

RESUMO

Ao final da década de 1950, as arquitetas Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa integraram a equipe de profissionais do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, onde desenvolveram projetos de arquitetura, urbanismo e design. Do desenho à construção, participaram ativamente em projetos de grande importância para o conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade, como os palácios e a plataforma rodoviária. Mesmo tendo como pais Oscar Niemeyer e Lucio Costa, respectivamente, ou até mesmo por isso, as suas contribuições não foram reconhecidas na mesma medida que aquelas prestadas por profissionais homens que ocupavam cargos equivalentes. Este trabalho se propõe a olhar a trajetória das arquitetas investigando os documentos sob um olhar feminista. Apesar de suas contribuições terem sido subvalorizadas devido ao contexto histórico e social. O artigo aborda também a invisibilidade de arquitetas no Brasil, destacando como, mesmo em

cargos de relevância, as mulheres enfrentam desafios adicionais para ter seu trabalho reconhecido de forma justa. Esse apagamento é um tema central na discussão sobre o papel das mulheres na arquitetura moderna brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura; revista Brasília; Brasília; arquitetas; invisibilidade.

ABSTRACT

At the end of the 1950s, architects Anna Maria Niemeyer and Maria Elisa Costa joined the team of professionals at the Urban Planning and Architecture Department of Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, where they developed architecture, urbanism and design projects. From design to construction, they actively participated in projects of great importance for the city's architectural and urban complex, such as the palaces and the road platform. Even though their parents were Oscar Niemeyer and Lucio Costa, respectively, or even because of that, their contributions were not recognized to the same extent as those made by male professionals who occupied equivalent positions. This work aims to look at the trajectory of the architects, investigating the documents from a feminist perspective. Despite their contributions being undervalued due to the historical and social context. The article also addresses the invisibility of female architects in Brazil, highlighting how, even in relevant positions, women face additional challenges in having their work recognized fairly. This erasure is a central theme in the discussion about the role of women in modern Brazilian architecture.

KEYWORDS: architecture; revista Brasília; Brasília; architect woman; invisibility.

RESUMEN

A finales de la década de 1950, las arquitectas Anna Maria Niemeyer y Maria Elisa Costa se incorporaron al equipo de profesionales del Departamento de Planificación Urbana y Arquitectura de la Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, donde desarrollaron proyectos de arquitectura, urbanismo y diseño. Desde el diseño hasta la construcción participaron activamente en proyectos de gran importancia para el conjunto arquitectónico y urbanístico de la ciudad, como los palacios y la plataforma viaria. Si bien sus padres fueron Oscar Niemeyer y Lucio Costa, respectivamente, o incluso por eso, sus aportes no fueron reconocidos en la misma medida que los realizados por profesionales varones que ocupaban puestos equivalentes. Este trabajo pretende mirar la trayectoria de las arquitectas, investigando los documentos desde una perspectiva feminista. A pesar de que sus aportes están infravalorados por el contexto histórico y social. El artículo también aborda la invisibilidad de las arquitectas en Brasil, destacando cómo, incluso en puestos relevantes, las mujeres enfrentan desafíos adicionales para que su trabajo sea reconocido de manera justa. Este borrado es un tema central en la discusión sobre el papel de la mujer en la arquitectura brasileña moderna.

PALABRAS CLAVES: arquitectura; revista Brasília; Brasília; arquitectas; invisibilidad.

INTRODUÇÃO

O texto examina a invisibilidade e o apagamento histórico das contribuições de duas arquitetas brasileiras, Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa, na construção de Brasília. Ambas, mesmo tendo realizado trabalhos significativos no DUA - Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap e embora fossem filhas de Oscar Niemeyer e Lucio Costa, tiveram suas contribuições frequentemente subestimadas. Este apagamento reflete um padrão mais amplo de marginalização de mulheres na arquitetura brasileira moderna.

A pesquisa se baseou em análise documental, utilizando registros históricos, plantas de projetos, entrevistas, publicações na "Revista Brasília", além de depoimentos das arquitetas e outros participantes da construção de Brasília e revisão bibliográfica. Esta abordagem permitiu levantar, além de questões de gênero, fatores que prejudicaram o reconhecimento das arquitetas, como a ausência dos nomes completos em documentos técnicos e a atribuição indevida de suas obras aos pais, reforçando a reprodução da invisibilidade das mulheres no cânone da arquitetura.

A INVISIBILIZAÇÃO DAS MULHERES NA ARQUITETURA: UMA QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA

Arinda da Cruz Sobral foi a primeira mulher arquiteta, de que se tem registro, formada pela Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1914, antes mesmo de Lucio Costa e Oscar Niemeyer (Laterza, 2023, p.5). Os cursos de arquitetura até os anos 1970 eram majoritariamente masculinos. Retrocedendo um pouco mais, no fim dos anos 1950, o Brasil contava com poucas escolas de arquitetura (Sá, 2010, p.31). No caso da construção de Brasília, a proposta de fazer 50 anos em 5 de Juscelino Kubitschek movimentou a profissão. Para fazer parte da equipe de arquitetos consagrados, vieram estudantes com cursos ainda em andamento, ou até mesmo desenhistas que foram personagens importantes tanto na construção, como no design. Porém, esta complacência com o dito notório saber não se aplicava às mulheres, muito menos às filhas.

Para entender o processo de invisibilidade das arquitetas que ficaram à sombra dos seus marido e chefes, Marina Fontes (2015) mostra os mecanismos de invisibilização feminina na profissão. Ela destaca uma lista importante de mulheres que abriram mão do seu protagonismo profissional em função desta relação e como elas acabaram atuando de maneira autônoma, inclusive várias destas arquitetas trabalharam com o desenho de mobiliário. Para Marina, "tal atitude não se deu ao acaso, claramente naquele momento, entendia-se que as mulheres só eram capazes de desenhar no máximo um móvel". (Fontes, 2015. p.126)

Beatriz Colomina contribui muito para este debate a partir de duas ideias centrais. A primeira de que, diferentemente do imaginário coletivo sobre a profissão, que heroiciza indivíduos (homens, em sua absoluta maioria), a arquitetura não é um trabalho individual e sim profundamente colaborativo, coletivo, e que a participação na concepção arquitetônica é um "pequeno

segredo" da profissão - todos sabemos que é assim, mas continuamos reverberando as autorias individuais e singulares (Colomina, 1999). A segunda ideia extremamente potente de Colomina é a de que as mulheres, pela condição machista da profissão e da sociedade e por desempenharem papéis considerados "menores", são violentamente invisibilizadas pela história, sendo "os fantasmas da arquitetura moderna":

"With," and not "and," is the way in which women are usually credited alongside men in the official records, if they are credited at all. Women are the ghosts of modern architecture, everywhere present, crucial, but strangely invisible. Unacknowledged, they are destined to haunt the field forever (Colomina, 2018).¹

Outro pensamento importante para este artigo é o de Marina Waisman, que propõe relativizar a ideia de centro periferia (Waisman, 2013, p.82) para iniciar uma compreensão historiográfica sobre a arquitetura latinoamericana, ela entende que qualquer outro olhar manteria os vieses de hegemonia vigentes e aceitos pela história da arquitetura. No caso da Arquitetura Moderna Brasileira e da sua transferência temporária para a construção de Brasília, a necessidade de "criar uma capital do zero" e todo o contexto heroico que isso significa, deixou à margem uma série de personagens. O caso das arquitetas e sua participação ainda está em revisão.

Por fim, concordamos com Silvana Rubino em sua tese de livre docência, ainda não publicada, defende que temos a oportunidade de rever as fontes, a partir de outras indagações que nos permitam por exemplo entender a participação de "autoras "menores", em outras palavras, de sólidas e não nomeadas hierarquias internas de gênero – no duplo sentido, incluindo gêneros artísticos." (Rubino, 2017, p.22). É neste contexto teórico e historiográfico que o artigo se insere, problematizando a participação das mulheres na arquitetura de Brasília.

ARQUITETAS PIONEIRAS NA NOVACAP

A fim de colocar em marcha o processo de construção da nova capital, o presidente Juscelino Kubitschek sancionou, em 19 de setembro de 1956, lei que instituiu a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Naquele momento, a companhia foi criada com a finalidade exclusiva de gerenciar e coordenar a construção de Brasília.

Foi neste espaço que as arquitetas Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa, iniciaram suas carreiras. Ambas ingressaram no Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), onde apenas nove por cento de todos os funcionários eram mulheres², e lá desenvolveram projetos de arquitetura, interiores, urbanismo e design de mobiliários. Ainda que tenham participado diretamente nos projetos de alguns dos mais importantes edifícios da cidade, a exemplo do Palácio da Alvorada e da Plataforma Rodoviária, seus nomes raramente foram citados na literatura, fato que evidencia a invisibilidade de suas trajetórias. A partir de depoimentos e documentos, este artigo apresenta as arquitetas, suas vidas e produção desde o início da carreira na construção de Brasília.

Figura 1: Aparecem na foto Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Julieta G. Costa, Maria Elisa Costa, Anna Maria Niemeyer e Annita Baldo



Fonte: COSTA, Lucio. Registro de uma vivência; Editora 34 / Edições Sesc, São Paulo, 2018.

ANNA MARIA NIEMEYER

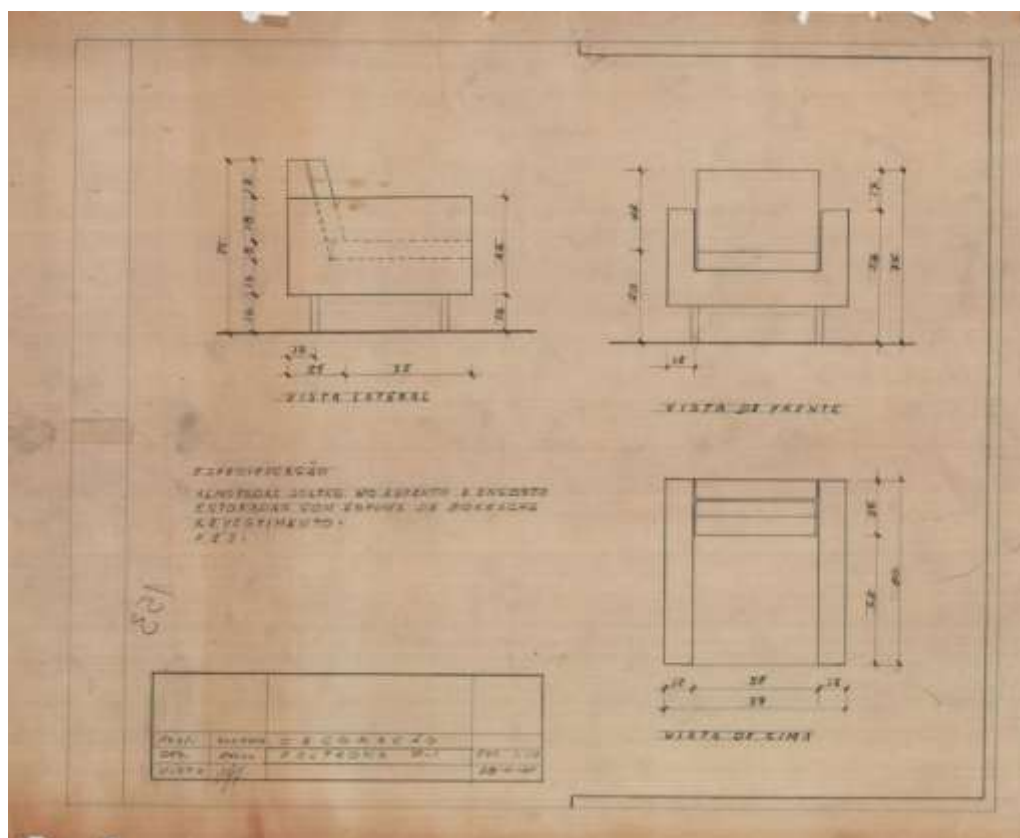
Nascida em 16 de dezembro de 1930 no Rio de Janeiro, foi a única filha do arquiteto Oscar Niemeyer e sua esposa Annita Baldo. Seguindo a tradição da família, estudou em colégios católicos da capital carioca durante a infância e adolescência. Aos dezesseis anos casou-se com seu primeiro marido, com quem teve três filhos. Sua parceria profissional com o pai começou aos dezessete anos, auxiliando na produção do escritório do arquiteto no Rio de Janeiro, onde foi orientada por Nauro Jorge Esteves³ no ofício do desenho técnico.

Embora não tenha cursado formalmente o curso de arquitetura⁴, Anna Maria ingressou no Departamento de Urbanismo e Arquitetura (DUA) em 1957, apoiada na experiência que havia adquirido na última década de trabalho ao lado do pai. Assim como o artista plástico Athos Bulcão, Anna Maria desempenhou na Novacap o cargo de técnica em decoração, função que a encarregou do desenho de mobiliários, especificação de materiais, fiscalização da produção de móveis e elaboração de plantas baixas de projetos de interiores. Foi responsável pelo desenho de peças de mobiliário que ocupam, ainda hoje, os ambientes de importantes edifícios que integram a

escala monumental de Brasília, como o Palácio da Alvorada, Palácio do Planalto, Palácio do Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal.

O trabalho da equipe de arquitetos, engenheiros e técnicos do DUA teve início no Rio de Janeiro, antes que houvesse qualquer estrutura em Brasília. Anna Maria recebia as plantas baixas dos projetos oficiais em desenvolvimento para que pudesse elaborar o desenho técnico dos leiautes internos e de peças de mobiliário, bem como indicar a compra de materiais e insumos. Os projetos dos móveis eram, em seguida, entregues à Novacap para que se iniciasse o processo de licitação. Assim que a contratação da empresa responsável pela execução das peças era concluída, a arquiteta ficava responsável pela fiscalização da produção, realizando visitas técnicas às fábricas no Rio de Janeiro e, mais tarde, em Brasília (Soares, 1989).

Figura 2: Desenho de poltrona e escrivaninha por Anna Maria Niemeyer.

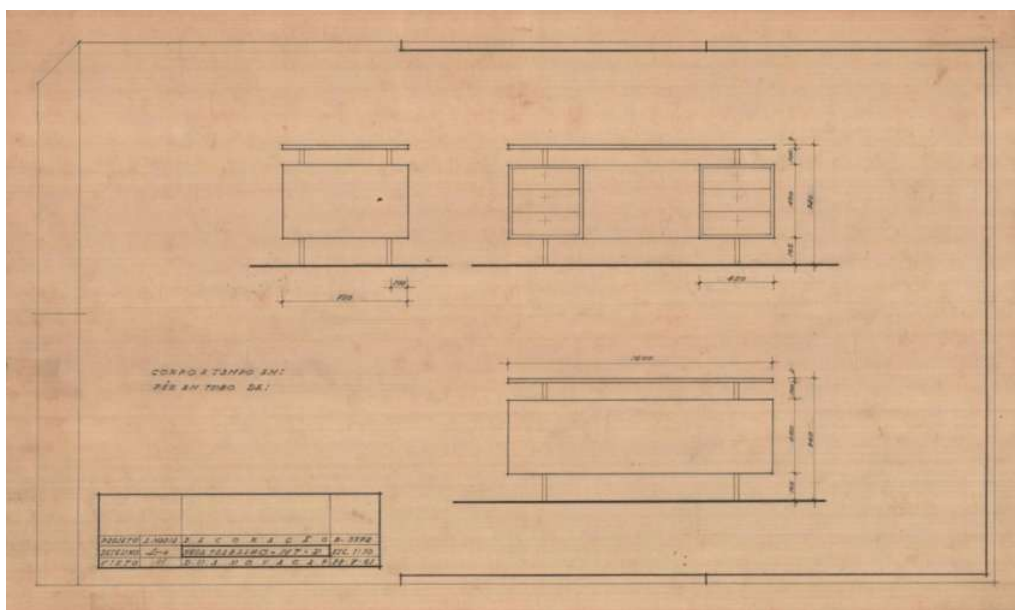


Fonte: Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

No início do ano de 1960, Anna Maria mudou-se definitivamente para Brasília, onde residiria pelos próximos treze anos. Separada do primeiro marido, passou a morar com os pais e filhos em uma casa situada no Setor de Habitações Geminadas Sul⁵ e, mais tarde, viveu em uma casa afastada do Plano Piloto, projetada por Oscar Niemeyer⁶ para abrigar toda a família durante o período em que o arquiteto trabalhou na Universidade de Brasília. Em solo candango a

arquiteta casou-se com seu segundo marido, o arquiteto alagoano Carlos Magalhães da Silveira, e teve mais dois filhos. Carlos também integrou a equipe de projeto da Novacap no cargo de Secretário de Obras e foi responsável pela coordenação da construção de diversos projetos emblemáticos da cidade, como o Hospital de Base, a Catedral Metropolitana de Brasília e o Cine Brasília.

Figura 3: Desenho de poltrona e escrivaninha por Anna Maria Niemeyer.



Fonte: Acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

Em seu depoimento⁷, Anna Maria descreve como o trabalho no DUA se intensificou com a transferência para Brasília, muitas vezes estendendo-se noite adentro. A arquiteta relata ter desenhado, com o auxílio da equipe, todos os móveis dos projetos oficiais elaborados pelo DUA. Para além do trabalho na prancheta, coube a ela selecionar obras de arte e itens de decoração como tapetes, cortinas e peças de mobiliário. No caso do projeto do Palácio da Alvorada, dado o caráter residencial do edifício, foi incumbida também da tarefa de selecionar objetos como talheres, roupas de cama e toalhas de mesa.

Nos ambientes internos e externos dos palácios de Brasília destaca-se ainda a presença das obras de arte escolhidas com maestria pela arquiteta, numa curadoria que incluiu peças de alguns dos maiores representantes do cenário artístico brasileiro, como Maria Martins, Di Cavalcanti, Djanira, Roberto Burle Marx, Bruno Giorgi e Alfredo Ceschiatti. As tapeçarias, telas e esculturas compõem, junto ao mobiliário e à arquitetura, um arranjo harmônico e coerente.

Figura 4: interior da capela do Palácio da Alvorada/ Figura 5: leiaute interno do Palácio da Alvorada.



Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Marcel Gautherot, 1960.

Apesar da extensa contribuição em projetos oficiais executados pela Novacap, o trabalho de Anna Maria Niemeyer foi citado apenas uma vez em todas as publicações da Revista Brasília, na Edição Especial de Arquitetura e Engenharia de julho a agosto de 1960, com um trecho que descreveu os interiores do Palácio da Alvorada:

O mobiliário escolhido é sistematicamente sóbrio, simples e construtivo, tendo sido mobiliário escolhido é sistematicamente sóbrio, simples e construtivo, tendo sido recusados os tipos frágeis e complicados. Algumas peças, segundo a decoradora Ana Maria Niemeyer, as mais simples e modestas obedeceram a desenhos especiais, mas a maioria foi escolhida entre os elementos já clássicos do mobiliário contemporâneo, acrescidos com alguns exemplos do mobiliário colonial a fim de garantir aos interiores do Palácio um certo caráter brasileiro. (Revista Brasília, Edição Especial Arquitetura e Engenharia - julho a agosto, 1960).

Em meio a peças de grandes designers e arquitetos que dominavam o cenário do mobiliário moderno, como aquelas desenvolvidas por Joaquim Tenreiro, Jorge Zalsupin, Marcel Breuer, Le Corbusier e Mies van Der Rohe, com as raras exceções de Charlotte Perriand, Eileen Grey, Lilly Reich, Georgia Louise Harris (Arquitetas Invisíveis, 2015), dentre outras, os móveis de Anna Maria Niemeyer portam-se como elementos exclusivos da arquitetura de Brasília, caracterizando-se como objetos de patrimônio cultural. Os materiais escolhidos pela arquiteta para a fabricação das peças, como o aço cromado, vidro, latão, madeira de jacarandá e granito, reúnem referências internacionais e brasileiras, resultando em um design apropriadamente inserido no contexto da arquitetura moderna e favorável à produção industrial. O levantamento de materiais especificados para produção dos mobiliários desenhados por Anna Maria Niemeyer foi realizado pelos pesquisadores do Instituto Federal de Brasília Fernanda Freitas Costa de Torres e Frederico Hudson Ferreira na pesquisa O

Mobiliário de Anna Maria Niemeyer para o Palácio da Alvorada (2021). Nas fotografias, registradas logo após a conclusão dos projetos, é possível identificar algumas peças de autoria de Anna Maria, como o genuflexório e altar da capela de Nossa Senhora da Conceição e as poltronas brancas do Palácio da Alvorada.

Entretanto, o reconhecimento e identificação das peças de autoria de Anna Maria Niemeyer são dificultados pela ausência de seu nome completo nas pranchas de desenho técnico que foram desenvolvidas por ela. Esses documentos foram, em sua maioria, assinados apenas com as iniciais do nome da arquiteta ou seu sobrenome Niemeyer, resultando na atribuição indevida ao arquiteto. (Aliaga Fuentes, Pescatori, Coelho, 2019).

Em 1973, no auge da repressão e violência promovidas pela ditadura militar, a permanência de Anna Maria em Brasília terminou. A perda da função de arquiteta e designer, em virtude da conclusão das obras oficiais, somada ao afastamento de seu pai e marido do DUA foram fatores determinantes na decisão de regressar ao Rio de Janeiro.

De volta ao Rio, produziu, em parceria com seu pai, uma coleção de móveis que foi exibida em mostras internacionais como o Salão do Móvel de Milão e no museu Centre Georges Pompidou. Mais uma vez, a autoria dessa coleção, que inclui peças que se tornaram clássicos do design brasileiro, como as reconhecidas *chaise longue* "Rio" e poltrona "Alta", é atribuída a Niemeyer, seu pai.

Figura 6: chaise longue Rio/ Figura 7: poltrona Alta



Fonte: Archdaily.

Sua carreira atingiu o ápice em 1977, quando fundou a Galeria Anna Maria Niemeyer. No espaço foram realizadas inúmeras exposições de artistas contemporâneos brasileiros e outros eventos culturais. Por seu trabalho com a galeria, foi reconhecida como importante marchand de arte no Brasil.

Mais tarde, a arquiteta retornou a Brasília para a elaboração de projetos de interiores de caráter restaurador em obras de seu pai, a pedidos de clientes particulares e públicos que desejavam recompor a condição original desses espaços. Muitas das peças desenhadas por Anna Maria se perderam ou foram danificadas, bem como os projetos de leiaute interno dos palácios, que sofreram alterações com o decorrer dos anos. Em 2018, o Palácio da Alvorada foi submetido ao processo de recuperação do projeto original, sob coordenação da Diretoria de Documentação Histórica da Presidência da República (DDH) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (Iphan-DF). Com base na análise dos desenhos técnicos de Anna Maria encontrados no Arquivo Público do DF e nas fotografias de Marcel Gautherot, buscou-se restaurar as peças de mobiliário e obras de arte e retorná-las às suas condições originais.

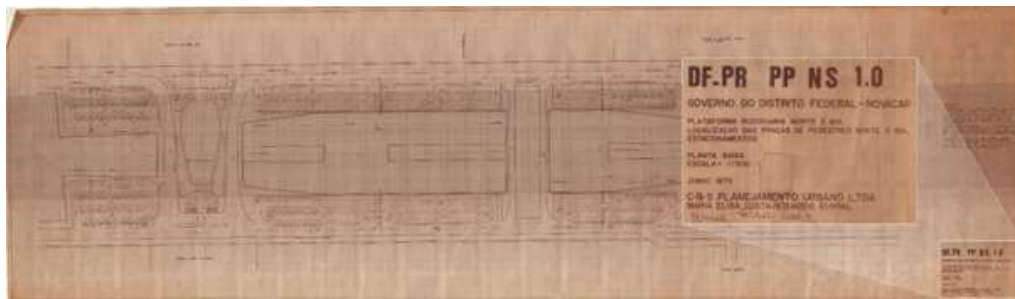
MARIA ELISA COSTA

Filha de Julieta Guimarães e Lucio Costa, nasceu em 22 de outubro de 1934 no Rio de Janeiro. Na infância, Maria Elisa e sua irmã Helena acompanharam o pai nas conferências e viagens de trabalho, experiências que permitiram o contato direto com a arquitetura e alguns de seus grandes representantes, a exemplo do célebre arquiteto suíço Le Corbusier, com quem a família manteve relação próxima.

Maria Elisa cursou arquitetura entre 1954 e 1958, na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Uma década antes de seu ingresso, a faculdade havia se desvinculado da tradicional Escola Nacional de Belas Artes, onde seu pai graduou-se em 1924, e hoje a instituição corresponde à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em entrevista, a arquiteta rememora momentos de seu quarto ano de faculdade, quando o pai desenhava os primeiros esboços para o projeto da nova capital. No dia 12 de março de 1957, data limite para submissão das propostas para o Concurso de Brasília, Maria Elisa e sua irmã acompanharam Lucio Costa até o edifício do Ministério da Educação e Saúde, onde o material foi entregue.

Em 1959, após a sua graduação, Maria Elisa iniciou seu trabalho no Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap, no Rio de Janeiro, sob direção do engenheiro Augusto Guimarães Filho⁸. O trabalho desenvolvido pela arquiteta no DUA incluiu o detalhamento de projetos diversos para Brasília, com enfoque no desenho urbano. Entre as contribuições de Maria Elisa está o detalhamento de importantes espaços urbanos que configuram a paisagem da cidade, como a fonte da Torre de TV e a Praça dos Pedestres na plataforma rodoviária.

Figura 6: Colagem da Planta baixa de trecho da Plataforma Rodoviária assinada por Maria Elisa Costa

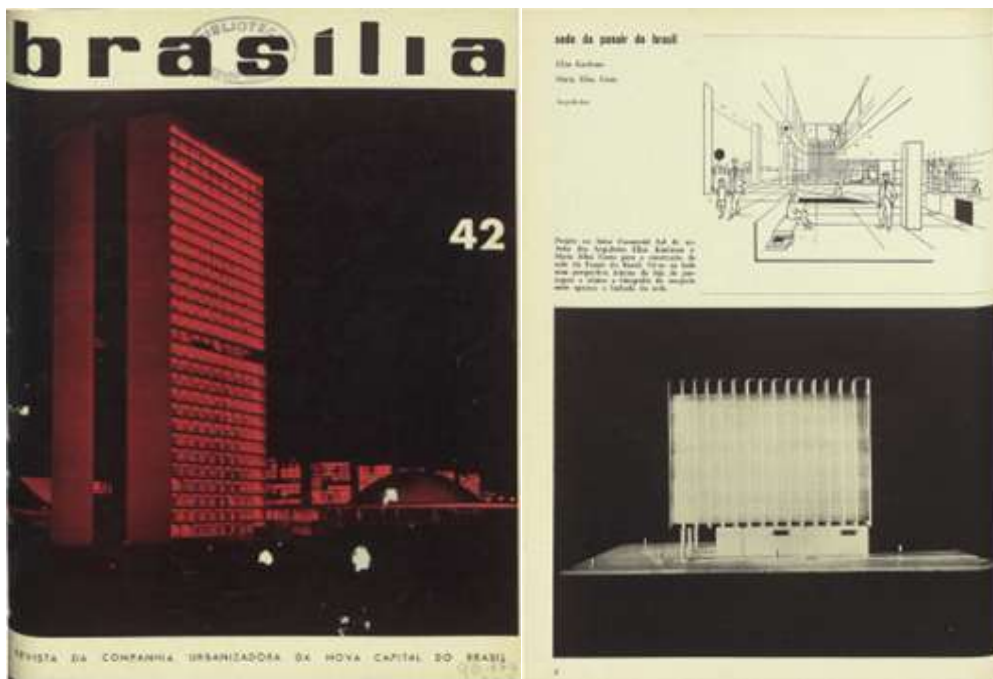


Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal

A respeito da dinâmica do trabalho que desempenhou em Brasília, a arquiteta relatou:

A atividade da gente era muito mais desenho, sabe por quê? Era uma coisa assim: Guimarães e papai que discutiam as coisas. Aí o Guimarães passava pra gente, a gente conversava o que achava, o que não achava. Mas era uma coisa muito prática, tudo era lá. Não era uma coisa assim... eram plantas para fazer. Se calculava muito também. Se calculava lá essas coisas de locação, fazia conta. (Costa, 1991).

Figura 7: Projeto de Maria Elisa e Elias Kaufman na Revista Brasília.



Fonte: Revista Brasília - Número 42 - Junho de 1960, p.08.

O SIMPLES FATO DE SER MULHER E A LUTA POR MEIO DAS REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS

Ainda que Anna Maria e Maria Elisa tenham participado ativamente na construção da nova capital federal, colaborando em projetos de grande relevância para o conjunto arquitetônico e urbanístico de Brasília, seus trabalhos não foram evidenciados na mesma medida que aqueles produzidos pelos homens que integraram o corpo técnico do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap. Nesse sentido, é possível traçar um paralelo direto, por exemplo, entre as carreiras de Anna Maria e Athos Bulcão, que exerceram no DUA a mesma função e cujas produções estiveram, em muitas ocasiões, lado a lado no mesmo espaço físico. Contudo, suas carreiras resultaram em níveis de reconhecimento contrastantes, visto que o artista plástico é amplamente citado e celebrado no meio arquitetônico.

Outro fator que colaborou para o apagamento da memória das arquitetas, dificultando a identificação de suas produções para a Novacap, é a ausência de seus nomes completos em documentos de desenho técnico, fato que resultou, em diversas circunstâncias, na atribuição indevida da autoria a seus pais. É o caso, também, das peças de mobiliário que Anna Maria desenhou em parceria com o pai nos anos 1970, e são ainda hoje, creditadas ao arquiteto na maioria das citações na literatura nacional e internacional.

Talvez o simples fato de serem mulheres tenha sido o motivo primordial para a invisibilidade de seus trabalhos. Em um contexto histórico onde a mulher era reduzida à condição doméstica, poucas conseguiram se dedicar às carreiras e menos ainda alcançaram o reconhecimento profissional. Assim como as outras arquitetas, técnicas e desenhistas que compunham a equipe do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap – mas em menor grau, em virtude da notoriedade de seus pais – Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa permaneceram invisíveis.

O trabalho de visibilização das arquitetas por meio de revisões historiográficas é uma estratégia de pesquisa feminista de enorme relevância para o campo da Arquitetura e do Urbanismo. Em longo prazo e com o acúmulo de pesquisas que discutem e questionam o lugar subalterno e fantasmático destinado pela história às mulheres arquitetas, imaginamos um futuro diferente para a profissão, pautado em menores desigualdades e por um imaginário coletivo menos deturpado da produção arquitetônica.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem o apoio do PPG-FAU-UnB, do Decanato de Pós-graduação e do Decanato de Pesquisa e Inovação da UnB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIAGA FUENTES, Maribel; PESCATORI, Carolina; COELHO, Luíza Dias. **AS (ARQUITETAS) MULHERES QUE FIZERAM A CAPITAL:** seus projetos, suas vidas. In: 13º, Salvador. 13º Seminário Docomomo_Brasil, 2019.

ANGIOLILLO, Francesca. Palácio da Alvorada recupera brilho original com restauro de ambientação. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/11/palacio-da-alvorada-recupera-brilho-original-com-restauro-de-ambientacao.shtml>>. Acesso em: 20 de agosto de 2022

ARQUITETAS INVISÍVEIS. "Arquitetas Invisíveis apresentam 48 mulheres na Arquitetura" 15 Mar 2015. **ArchDaily Brasil**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/763817/arquitetas-invisiveis-apresentam-48-mulheres-na-arquitetura>>. Acesso em 2 de janeiro de 2025.

BARBOSA, Antônio Agenor. Maria Elisa Costa. Entrevista, São Paulo, ano 05, n. 018.03, **Vitruvius**, abr. 2004 <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/05.018/3329>>.

BIOGRAFIA. **Fundação Oscar Niemeyer**. Disponível em: <<https://www.oscarniemeyer.org.br/biografia/1907-1930>>. Acesso em: 20 de agosto de 2022.

COLOMINA, Beatriz. "Collaborations: The Private Life of Modern Architecture." **Journal of the Society of Architectural Historians**, vol. 58, no. 3, 1999, pp. 462–71. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/991540>. Accessed 2 Dec. 2024.

COLOMINA, Beatriz. "The Secret Life of Modern Architecture or We Don't Need Another Hero". **Harvard Graduate School of Design**, 2018. Disponível em: <https://www.gsd.harvard.edu/event/beatriz-colomina-the-secret-life-of-modern-architecture-or-we-dont-need-another-hero/>. Acesso em: 2 de janeiro de 2025.

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**; Editora 34 / Edições Sesc, São Paulo, 2018.

COSTA, Maria Elisa Modesto Guimarães. Depoimento - **Programa de História Oral. Brasília**, Arquivo Público do Distrito Federal, 1991.

COSTA, Maria Elisa Modesto Guimarães. **Carta à Fundação Athos Bulcão. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, 1994.

COSTA, José Airton, Jr. **Arquitetos-designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. Brasília, Brasil: Universidade de Brasília.

FONTES, Marina Lima. **Mulheres invisíveis:** a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ISIDRO, Eva Álvarez Isidro; GÓMEZ, Carlos. Anna Maria Niemeyer 1930-2012. **Un día, una arquitecta**, 2015. Disponível em: <<https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/2015/06/22/anna-maria-niemeyer-1930-2012/>>. Acesso em: 07 de julho de 2022

LATERZA, Ana. **O censo do CAU sob um olhar interseccional**: retrato da inequidade na arquitetura e urbanismo. 2023. 251 f., il Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

MUNIZ, Lara. Palácio da Alvorada recupera acervo estimado em R\$ 2,5 milhões antes de receber Bolsonaro. **Casa Vogue**, 2018. Disponível em: <<https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Edificios/noticia/2018/11/palacio-da-alvorada-passa-por-recuperacao-de-r-25-milhoes-antes-de-receber-bolsonaro.html>>. Acesso em: 08 de julho de 2022.

NOVACAP. **Revista Brasília**, Nº40 - Número Especial de 21 de abril de 1960.

NOVACAP. **Revista Brasília**, Edição Especial Arquitetura e Engenharia - julho a agosto de 1960.

NOVACAP. **Revista Brasília**, Nº 42 - junho de 1960.

RUBINO, Silvana. **Lugar de Mulher Arquitetura e Design Modernos, Gênero e Domesticidade**. UNICAMP, Campinas, 2017. (TESE DE LIVRE DOCÊNCIA - NÃO PUBLICADA)

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão: Arquiteta**. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOARES, Ana Maria de Niemeyer. Depoimento - **Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal**, 1989.

TORRES, Fernanda Freitas Costa de; FERREIRA, Frederico Hudson. O mobiliário de Anna Maria Niemeyer para o Palácio da Alvorada. **ESTUDOS EM DESIGN (ONLINE)**, v. 29, p. 116-129, 2021.

WAISMAN, Marina. **O interior da história. Historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. Trad. Ruth Verde Zein. São Paulo: Perspectiva, 2013.

NOTAS

¹ “Com” e não “e” é a maneira como as mulheres são geralmente creditadas ao lado dos homens nos registros oficiais, se é que são creditadas. As mulheres são os fantasmas da arquitetura moderna, presentes em todos os lugares, cruciais, mas estranhamente invisíveis. Não reconhecidas, elas estão destinadas a assombrar o campo para sempre”. Tradução livre.

² O percentual foi calculado a partir da lista de funcionários do Departamento de Urbanismo e Arquitetura da Novacap, publicada na Edição Nº 40 da Revista Brasília - Edição Especial de 21 de abril de 1960, p.18-19.

³ Nauro Jorge Esteves (1923-2007) foi notável arquiteto membro da equipe de Oscar Niemeyer no Rio de Janeiro e em Brasília. Atuou como chefe da Divisão de Arquitetura na Novacap e é autor de importantes obras, como o Palácio do Buriti e o Hotel Nacional.

⁴ No caso das arquitetas, isso parece ter justificado o apagamento e a importância das suas obras, para os grandes arquitetos isso nunca foi um impedimento, como podemos ver na matéria: <https://www.archdaily.com.br/br/874782/9-arquitetos-famosos-que-nao-possuiam-um-diploma-de-arquitetura>.

⁵ O Setor de habitações unifamiliares geminadas está enquadrado na escala residencial do Plano Piloto de Brasília. As primeiras edificações implantadas foram destinadas aos funcionários da Novacap transferidos do Rio de Janeiro para a nova capital.

⁶ A residência projetada por Niemeyer foi construída entre 1961 e 1963. Atualmente denominada Casa Niemeyer, é propriedade da Universidade de Brasília e associada à Casa da Cultura da América Latina.

⁷ O Projeto de História Oral - Memória de Pioneiros é um projeto de pesquisa coordenado pelo Departamento de Pesquisa do Arquivo Público Federal que entrevistou cidadãos que participaram na construção e consolidação de Brasília. As entrevistas de Anna Maria Niemeyer e Maria Elisa Costa, assim como dos demais arquitetos, artistas, técnicos e engenheiros, integram a linha de pesquisa "Memória da Construção."

⁸ O arquiteto, urbanista e engenheiro Augusto Guimarães Filho ocupou o cargo de Chefe da Divisão de Urbanismo da Novacap, a convite de Lucio Costa. Foi responsável pela implantação da "estaca zero" do Plano Piloto de Brasília, definindo o posicionamento dos eixos e das demais configurações urbanísticas.